

A CONTRIBUIÇÃO DE PAUL RICOEUR PARA A HERMENÊUTICA DA CONTEMPORANEIDADE ¹

Gemyma Dantas Barbosa

Resumo:

O homem sempre buscou meios para interpretar as diferenças contextuais. Essa tentativa é vista entre os mais antigos e pode ser comprovado nos escritos bíblicos. A verdade é que a hermenêutica sempre esteve infiltrada na religião. Mas apenas no sec. XIX foi declarada como ciência, uma disciplina da filosofia. A partir daí, diferentes teóricos procuraram expor o melhor método para identificar o verdadeiro sentido conforme o seu contexto, mas se depararam com a aporia e contradições. Na atualidade um dos hermeneutas que tem se destacado com sua teoria é o renomado filósofo Paul Ricoeur, que apresenta a “função da hermenêutica do distanciamento”, usando o texto como o principal intérprete. Sua hipótese será usada neste trabalho como a melhor maneira de compreender, na contemporaneidade, o outro e a si por meio da escrita.

Palavras chaves: Hermenêutica, Distanciamento, Contemporaneidade.

Abstract:

Man has always sought ways to interpret the contextual differences. This attempt is seen among the oldest, and can be seen in Biblical writings. The truth is that hermeneutics has always been infiltrated religion. But just in sec. XIX was declared as a science, a discipline of philosophy. From there, different theoretical sought to expose the best method to identify the true meaning according to its context, but faced with the quandary and contradictions. Today one of hermeneutics that has stood out with his theory is the renowned philosopher Paul Ricoeur, which features the "hermeneutic of distance function" using the text as the main interpreter. His hypothesis will used in this work as the best way to understand, in contemporary times, each other and themselves through writing.

Keywords: Hermeneutics, Detachment, Contemporary.

A Hermenêutica busca trabalhar com as linguagens, e tem como intenção principal interpretar o sentido da escrita, não se limitando a um método. Para que isto seja exercido, existem diferentes desafios a percorrer até que se chegue ao real sentido. Segundo Ricoeur, uma das questões cruciais do hermeneuta encontra-se ao se deparar com a polissemia, ou seja, uma palavra que possui diversos significados, pois cada sociedade, de uma maneira particular dar sentido unívoco a partir das suas precisões. Se descobrir neste campo extenso e cheio de trilhas pode ocasionar uma aporia, ou seja, caminho sem saída àquele que procura a definição.

A intenção daquele que investiga é localizar a ideia central, mas a outra dificuldade está nos contextos distantes do seu período, que, por mais que possua uma equiparada tecnologia,

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação, Filosofia e Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Teologia. Orientador: Rodrigo Franklin de Sousa.

não conseguirá retornar ao tempo. O que possuirá exclusivamente são as palavras descritas em um papel, que em sua maioria, como os textos Bíblicos, já foram restaurados e transliterados por um tradutor coberto de preconceitos às palavras de alguém desconhecido, que expressou uma mensagem cheia de intenções, reações e sentidos pessoais sobre si ou um grupo.

Diferentes filósofos buscaram em suas teorias apresentar a melhor maneira de explanação. Essa tentativa sempre foi até mesmo de forma inconsciente um interesse desde os tempos antigos. Em 1654, J. C. Dannhauer (1603 -1666) formulou a palavra “hermenêutica”, como arte de interpretação. Mas passou a ser trabalhada claramente a partir de Schleiermacher (1768-1834) sendo sucedido por outros filósofos. É importante declarar que todos esses de forma direta ou indireta, em suas interpretações, procuravam entender o homem com suas linguagens e significados.

Neste trabalho será apresentada a discussão que Ricoeur faz de pensadores e suas suposições no decorrer dos tempos. Será iniciado pelo já citado Schleiermacher, que foi o precursor da hermenêutica e continuará por W. Dilthey (1833-1911), M. Heidegger (1889-1976), como também H.G Gadamer (1900-2002) até o conceituado filósofo e pensador francês Paul Ricoeur (1913-2005). A intenção principal é despertar uma análise baseada no distanciamento de Ricoeur para interpretação da época presente. Acreditando, assim como ele, que o texto tem essa capacidade de conhecer os tempos passados e por si mesmo apresentá-los. Para isto, será analisada contemporaneidade e a ideia do filósofo como uma busca convincente da sua hermenêutica.

1. O PERCURSO HERMENÊUTICO SEGUNDO PAUL RICOEUR

A Hermenêutica como disciplina da filosofia foi estabelecida somente no sec. XIX por F. Schleiermacher, teólogo e filósofo alemão. Ele apresenta uma abordagem romântica e crítica, influenciado pelo romantismo na Alemanha, onde nasceu. Esse período foi uma reação ao iluminismo que pregava a valorização da razão, em que a realidade apenas pode ser vista de uma maneira racional. Rejeitando esta ideia, o período romântico apregoou uma mensagem mais sentimental, em que a realidade pode ser enxergada de uma maneira mais sentida pelo próprio homem, ou seja, pelas emoções. As marcas principais do romantismo são: nacionalismo, historicismo, individualismo, egocentrismo, patriarcalismo entre outros. O que se pode também destacar é a presença do confessionalismo.

Foi neste pano de fundo que Schleiermacher buscou interpretar os textos Bíblicos. Utilizando o método da *crítica*, que busca entender por meio das regras escritas os discursos e, *romântica*, que visa entender a ideia principal do autor, procurando interagir com sua genialidade. Para ele, a resposta central de um texto estava em descobrir o que a mente do autor buscava expressar. Isso significava que a interpretação seria de alguma forma, ou melhor, totalmente subjetiva, não poderia haver uma resposta concreta quanto ao verdadeiro sentido.

Ricoeur descreve sobre esses métodos:

Romântica por seu apelo a uma relação viva com o processo de criação e crítica por seu desejo de elaborar regras universalmente válidas da compreensão. Talvez, toda hermenêutica fique sempre marcada por essa dupla filiação romântica e crítica, crítica e romântica. Crítica é o propósito de lutar contra a não-compreensão em nome do famoso adágio: “há hermenêutica, onde houver não-compreensão”; romântica é o intuito de compreender um autor tão bem, e mesmo melhor do que ele mesmo se compreendeu”. (RICOEUR, 2013, p.27)

A tarefa estava em descobrir a mente do outro, ou seja, entender os seus sentimentos. O que Schleiermacher entendia, que assim como nos grandes enredos históricos da sua época, em que seus autores buscavam de forma extrema dramatizar a emoção como uma resposta desesperada à razão iluminista, com uma ênfase nos sentimentos, os escritos antigos também eram expressões individuais de seus escritores, descritos por alguma situação emocional. Sendo que o leitor deveria ligar-se ao autor.

A proposta dada pelo primeiro hermeneuta não foi convincente segundo Ricoeur, ao se deparar com uma tamanha aporia, não obtendo assim uma resposta unívoca do texto. Uma confusão de sentidos pode ser vista nos dois métodos. Entre a objetividade da gramática (crítica) e a subjetividade da técnica (romântica) que pode ser encontrada a aporia central. Ricoeur (2013, p.28) afirma:

Ora, se as duas interpretações possuem direitos iguais, não podem ser praticadas ao mesmo tempo. Schleiermacher precisa: considerar a língua comum é esquecer o escritor, compreender um autor singular é esquecer sua língua que é apenas atravessada. Ou percebemos aquilo que é comum, ou percebemos o que é próprio. A primeira interpretação é chamada de objetiva, pois versa sobre os caracteres linguísticos distintos do autor, mas também negativa, pois indica simplesmente os limites da compreensão; seu valor crítico refere-se apenas aos erros concernentes ao sentido das palavras. A segunda interpretação é chamada de técnica, sem dúvida por causa do projeto de uma *Kunstlehre*, de uma tecnologia.

O pensamento do autor será o verdadeiro objeto de estudo para Schleiermacher. O analista deverá entender a maneira em que este enxerga a vida, sente e pensa, sendo que em um sentido lógico, isto é algo impossível de concluir. Ocorre uma tamanha dificuldade de exercitar a interpretação com essas ideias lado a lado. O que Ricoeur vai dizer é que é preciso haver um equilíbrio, ou deverá escolher uma entre elas, mas mesmo assim não se torna capaz de responder concretamente de forma sozinha.

A hermenêutica de Schleiermacher não pode resolver completamente a crise da interpretação. Mas Dilthey apresenta uma abordagem que caminha pela epistemologia para chegar à questão ontológica. Dilthey foi um filósofo hermenêutico, psicólogo, historiador, sociólogo e pedagogo alemão. A sua proposta de interpretação é baseada na história, considerado o pai do historicismo, ele afirma que o homem é composto pela sua cultura e, ela o identifica. Para haver uma interpretação adequada, é preciso percorrer pelos caminhos já vividos.

O contexto de Dilthey é ainda coberto pelo romantismo e a chegada do positivismo. O último discorda totalmente das especulações, rejeitando qualquer influência do passado. Para o positivismo, o que o homem pensa e faz não significa que tal ação foi resultado de questões externas ou culturais, mas consequências internas e exatas do seu próprio corpo. O que Dilthey vai discordar, como um historicista. Ele acredita plenamente na história, e que o homem precisa ser analisado a partir do seu contexto.

Segundo Ricoeur (2013, p.29):

A necessidade de incorporar o problema regional da interpretação dos textos do domínio mais amplo do conhecimento histórico impunha-se a um espírito preocupado em tornar consciência do grande êxito da cultura alemã no sec. XIX, a saber, a invenção da história como ciência de primeira grandeza.

Em um tempo coberto pelo empirismo, para provar o valor do historicismo, Dilthey, encontra na psicologia a resposta científica. Segundo Dilthey o homem conhece o outro por causa das suas capacidades psicológicas. Consequentemente, as atitudes dos indivíduos agindo socialmente serão entendidas e explicadas pela história. O homem age na história e na sociedade. Eis aqui um combate às ideias do positivismo, que não acredita em uma ligação cultural, mas nas exatidões de cada indivíduo particularmente (RICOEUR, 2013, p.31).

Ricoeur não se convence com a teoria de Dilthey e acredita que assim como Schleiermacher, ele continua com uma aporia:

A obra de Dilthey, mais ainda que a de Schleiermacher elucida a aporia central de uma hermenêutica que situa a compreensão do texto sob a lei da compreensão de outrem que nele exprime. Se o empreendimento permanece psicológico em seu fundo é porque confere à interpretação não aquilo que o diz o texto, mas aquele que nele expressa. Ao deportado do texto, de seu sentido e de sua referência, para o vivido que nele exprime. (2013, p.35)

Ricoeur relata o que posteriormente apresentará como método próprio de interpretação:

(...) para levar adiante essa descoberta, será preciso que se renuncie a vincular o destino da hermenêutica à noção puramente psicológica de transferência numa vida psíquica estranha, e que se desvende o texto, não mais em direção a seu autor, mas em direção ao sentido imanente e a este tipo de mundo que ele abre e descobre. (RICOEUR, 2013, p.36)

Paul Ricoeur continua sua abordagem hermenêutica no decorrer da história e as buscas por uma interpretação para a resolução como ele diz, da aporia. Em Dilthey, Ricoeur, começa a declarar a importância de observar o “mundo do texto”, como partida para a compreensão do autor, este possui os caminhos para a significação.

O filósofo alemão M. Heidegger, já está bem contextualizado no sec. XX. Diante do grande crescimento da ciência e valorização da razão, o existencialismo, em que Heidegger fazia parte, traz uma abordagem que prioriza o ser, caminhando totalmente para a ontologia. As explicações eram tornadas e guiadas pela ciência. Como uma resposta a esse contexto, o existencialismo apresenta a vivência do homem, o seu ser. Rompendo com a epistemologia, Heidegger faz a sua interpretação.

Os métodos científicos de compreender o ser humano foram descartados. Para Heidegger, eram insuficientes e não apresentavam aquilo que realmente identificava. A compreensão partia antes de tudo, no compreender a si mesmo. Ele não focaliza na história, pois acredita que antes que o homem tenha conhecimento de si, o ser, aquilo que o compõe, já existe. Pois, todas as coisas em volta estão edificadas no ser.

Não devemos perder de vista esse ponto quando tiramos as consequências metodológicas dessa análise: Compreender um texto não é descobrir um sentido inerte que nele estaria contido, mas revelar a possibilidade de ser indicada pelo texto. (RICOEUR, 2013, p. 40)

Segundo Heidegger, citado por Ricoeur (2013, p.41), para que ocorra a interpretação e chegue ao objetivo do ser, é preciso seguir um percurso denominado por ele de Situação-

compreensão- interpretação. Por exemplo, a situação de sofrimento, que está ocorrendo no texto, sendo visto e identificado como principal influência de tudo que há em volta. Lembrando sempre que não é baseada na teoria do conhecimento, mas no ser, na origem principal, que ao invés de caminhar para fora, tem como prioridade internalizar, para que ocorra a interpretação. Após essas etapas, partirá para o discurso e escrita, a linguagem, que é o resultado do ser.

Em Heidegger, Ricoeur (2013, p.44), não consegue resolver a problemática da hermenêutica:

Para mim, a questão que não permanece resolvida em Heidegger é a seguinte: Como tomar consciência de uma questão crítica em geral, no contexto de uma hermenêutica fundamental? No entanto, é sobre esse trajeto de retorno que poderia atestar-se e revelar-se a afirmação segundo a qual o círculo hermenêutico, no sentido dos exegetas esta fundado sobre a estrutura de antecipação e compreensão no plano ontológico fundamental.

A explicação e compreensão em Heidegger, para Ricoeur ainda não está resolvida. Uma grande questão é levantada entre a epistemologia e a ontologia. Assim ele continua a sua abordagem hermenêutica para chegar à noção de “mundo do texto”, mas antes procura apresentar outro importante filósofo chamado Gadamer.

O filósofo alemão H.G Gadamer apresenta a ideia de distanciamento alienante em contrapartida à pertença. Em resumo às questões anteriores de Gadamer, quando o romantismo (Schleiermacher) estava contra o iluminismo, Dilthey contra o positivismo e Heidegger contra o neokantismo, Gadamer procura não retornar às ideias românticas, que para ele não são resolúveis, assim também Ricoeur relembra que Gadamer não concorda o fato de Dilthey ter se aprisionado entre a epistemologia e ontologia.

As três experiências apresentadas por ele são: estética, histórica e da linguagem. Acredita que a compreensão de qualquer coisa resulta unicamente de uma perspectiva particular da história. Não se pode interpretar pelas superstições, toda interpretação resulta dos modelos históricos a partir de um aspecto particular, tudo é produto do tempo, dos modelos culturais. O sujeito estando fora da história não há como decifrar. Nenhuma interpretação é objetiva, pois dificilmente pode se desligar do preconceito, essa pressuposição faz parte da memória humana, por isso toda interpretação não só depende da história cultural, mas do sujeito que exerce a análise.

Ricoeur levanta um paradoxo. Como estar ligado à história e ao mesmo tempo exercer um distanciamento alienante?

A meu ver, isso só pode ocorrer na medida em que essa consciência histórica não se limitar a repudiar o distanciamento, mas de forma a também empenhar-se em assumi-lo (RICOEUR, 2013, p.49).

Ricoeur se apropria das ideias de Gadamer para estabelecer as suas, dividindo-as em três pontos: A primeira está na distância da história, mas a busca pela aproximação. Em segundo, ele acredita quando Gadamer faz uso da “fusão de horizontes”, quando a história fica limitada por causa da distância, as situações podem ampliar as visões. “E a terceira está na “linguagem”, esta, segundo Ricoeur, une o homem em sua tradição, e por meio dos signos e textos o pesquisador pode mesmo à distância abrir horizontes e descobrir a “coisa do texto”, denominado posteriormente por Ricoeur por “mundo do texto”.

2. O CONCEITO DE DISTANCIAMENTO EM PAUL RICOEUR

Diante dessas hermenêuticas apresentadas, Ricoeur vai expor como a melhor interpretação, a própria linguagem, através de símbolos, signos e textos. Ricoeur rejeita a ideia romântica de Schleiermacher que usa a genialidade, e também de Dilthey, que traz o conceito historicizante e psicologizante da interpretação como meio principal. Para Ricoeur, o “mundo do texto” é capaz de mostrar seu próprio sentido. O que será visto neste trabalho serão especificamente as narrativas, que podem possuir diferentes gêneros literários, como: poético, fictício e histórico.

Ricoeur acredita que o texto é o principal produto do distanciamento. Ele é analisado puramente sem nenhuma participação visível do seu locutor e interlocutor.

(...) Essa problemática dominante é a do texto, pela qual, com efeito, reintroduz-se uma noção positiva e, se posso assim me expressar, produtora do distanciamento. O texto é, para mim, muito mais que um caso particular inter-humano: é o paradigma do distanciamento na comunicação. Por esta razão, revela um caráter fundamental da própria historicidade da experiência humana, a saber, que ela é uma comunicação na e pela distância. (RICOEUR, 2013, p. 51, 52)

Mas na verdade o texto escrito em si não é a problemática principal, há uma divisão feita por Ricoeur do texto, que precede a escrita. Primeiramente, voltando às raízes, a língua é utilizada na fala, por meio de articulações orais. Ricoeur vai afirmar que o que ocorre com o uso da língua e a fala é a “dialética do evento e da significação”. Um evento que indica um

significado. Sendo assim, a escrita é consequência dessa dialética, o que entre ambas há uma obra formada. O evento é traçado em tensões, imposições, diferentes reações que na escrita deverão ser identificados. Ricoeur vai afirmar que todo esse processo vai ser dividido em: Discurso-obra-escrita.

O discurso é um evento que ocorre no presente, já a língua usada no evento do discurso não está relacionada ao tempo. Nesse discurso, por mais que não apareça claramente quem é o que fala, um conjunto de indicadores, como pronomes pessoais estarão favorecendo. Isso significa que o evento ou a instância é autorreferencial. Sendo que aquele que fala é que conduz o evento, que estará se referindo a respeito de algo que pretende descrever. A língua é usada para a comunicação através dos seus signos, e por meio do discurso esses signos são trocados. (RICOEUR, 2013, p.54)

Falando ainda do primeiro passo da linguagem de Ricoeur, que é o discurso, que se apropria da língua na fala sendo assim um acontecimento presente, aqueles que participam deste evento são os locutores e interlocutores. E os que fazem parte deste diálogo sabem o assunto que está sendo abordado e as causas essenciais, formando a significação e formando a obra, que será mais explicada adiante. A significação do evento é o que interessa à hermenêutica, mas para o locutor e interlocutor do discurso do evento, já é visível.

É no discurso encontrado no texto que ocorre o primeiro distanciamento que forma a teoria de Ricoeur; o distanciamento do “dizer no dito”. Sendo analisado a partir do estilo visto na escrita. Nesse discurso, como não presenciado, deverão ser observadas três ações: As duas primeiras estão no Ato locucionário (ato de dizer), ilocucionário (aquilo que se faz ao dizer).

O ato locucionário se exterioriza nas frases enquanto proposição. Com efeito, é enquanto tal proposição que a frase pode ser identificada e reidentificada como sendo a mesma frase. Uma frase se apresenta, assim, como uma enunciação (*aus-sage*), susceptível de ser transferida a outras, como este ou aquele sentido. O que aqui é identificado é a própria estrutura predicativa, como deixa entrever o exemplo supracitado. Assim uma frase de ação deixa-se identificar por seu predicado específico (tal ação) e por seus dois argumentos (o agente e o paciente). (RICOEUR, 2013, p. 56,57)

O segundo é a ação enquanto se diz, apresentando uma ênfase, geralmente e identificado na gramática, através dos pronomes:

Mas o ato ilocucionário também pode ser exteriorizado graças aos paradigmas gramaticais (os modos: indicativo, imperativo etc.) e aos outros procedimentos que “marcam” a força ilocucionária de uma frase, e dessa

forma, permitem identificá-la e reidentificá-la. É verdade que, no discurso oral, a força ilocucionária se faz identificar pela mímica e pelos gestos, tanto quanto por traços propriamente linguísticos, e que, no primeiro discurso, são os aspectos menos articulados, o que chamamos de prosódia, que fornecem os indícios mais probantes. (RICOEUR, 2013, p. 56,57)

O terceiro é o resultado das duas primeiras, essa depende principalmente de como o paciente reagirá diante de uma ordem ou imposição. Chamado de ato perlocucionário (aquilo que se faz pelo fato de falar).

Precisamos reconhecer, no entanto, que o ato perlocucionário constitui um aspecto menos inscritível do discurso, e caracteriza, preferencialmente, o discurso oral. Mas a ação perlocucionária é justamente aquilo que, no discurso, é menos discurso. É o discurso enquanto estímulo. Neste caso, o discurso age, não pela trucagem do reconhecimento, por meu interlocutor, de minha intenção, mas, de certa forma, de um modo energético, por influência direta sobre as emoções e as disposições afetivas do interlocutor. (RICOEUR, 2013, p.57)

É neste “evento do discurso” sendo identificada na escrita, e sendo vistas ligadas uma a outra, encontra-se uma significação que caminha para a obra e a escrita. Agora, o segundo passo de Ricoeur diante do texto, que segundo ele é o meio mais eficaz para uma boa hermenêutica do distanciamento, está na formação da obra. Aqui está o segundo distanciamento de Ricoeur, quando um autor estrutura o evento do discurso com alguma intenção, que desde então é desconhecida para o leitor. Essa estrutura da obra, que é a passagem da fala para a escrita, ultrapassa apenas uma palavra, ela é composta por frases sequenciais, obtendo um estilo específico, e moldado a um gênero literário.

Segundo Ricoeur a obra sendo ela um agrupamento de frases, em que é formada pela estrutura de um discurso, o seu significado não pode ser baseado em frases isoladas. Pois é o todo que mostrará a verdadeira indicação. O que geralmente é visto é a interpretação do texto por partes individuais, desconhecendo assim o leitor os detalhes do evento ocorrido. A obra deve ser vista em si como o resultado do evento, obviamente, o evento em geral é importante para o entendimento da obra, sendo a organização do evento e o sentido.

Ao tornar uma obra, o autor passa a ser visto por uma nova perspectiva. O estilo está ligado muito ao estilo do autor, isso é certo. E a própria obra facilitará essa visão daquele que a escreveu. Sendo assim, ambos, o autor e a obra, andarão correlacionados. Lembrando que o autor, sujeito falante, tem relação com a individualidade da obra, a estrutura traz um nome

próprio. “É o artesão da obra de linguagem”. Ele faz parte da significação da obra como um todo. A afeição da obra e do autor está ligada. (RICOEUR, 2013, p. 60,61).

A partir do momento em que o discurso é transformado em obra por um autor com propósito e intenção, o texto torna-se autônomo. Conseqüentemente, o autor terá o seu mundo, mundo que o leitor distante não conseguirá decifrar separadamente. Como aquele que escreveu não responderá por si mesmo as causas da sua escrita, a ideia romântica de adquirir a genialidade do autor, aquilo que passava em sua mente, será impossível. Então, o leitor descobrirá o sentido usando o mundo do texto como o melhor caminho para a interpretação, o próprio texto em seu mundo deverá ser analisado, ele responderá e indicará as respostas do evento do discurso, partindo assim para o terceiro distanciamento.

Dessa análise, retenho a ideia de “projeção dos possíveis mais próximos” para aplicá-la à teoria do texto. De fato, o que deve ser interpretado, num texto, é uma *proposição de mundo*, de um mundo tal como posso habitá-lo para nele projetar um de meus possíveis mais próprios. É o que chamo de o mundo do texto, o mundo próprio a *este* texto único. (RICOEUR, 2013, p.63)

O leitor distante se deparará agora apenas com a escrita, que foi o resultado de um evento de um discurso e se tornou obrar de um autor. Como ele está distante do evento, e distante das causas do autor, ele vai ser influenciado pelo seu próprio contexto, fazendo uma aplicação consigo mesmo. A obra se encontrará livremente a disposição do leitor, tornando-se vulnerável a diferentes interpretações. Segundo Ricoeur, a escrita agora passa a ser espalhada por todos que tem acesso e conhecimento na leitura, não sendo mais um caso particular.

Essa autonomia do texto tem uma primeira consequência hermenêutica importante: O distanciamento não é o produto da metodologia e, a este título, algo de acrescentado e de parasitário. Ele é constitutivo de fenômeno do texto como escrita; ao mesmo tempo, também é a condição da interpretação, a *verfremdung* não é somente aquilo que a compreensão deve vencer, mas também aquilo que a condiciona. Estamos, assim, em condições de descobrir, entre *objetivação e interpretação*, uma relação muito menos dicotômica e, por conseguinte, muito mais complementar que a que havia sido instituída pela tradição romântica. A passagem da fala à escrita afeta o discurso de vários modos; de uma maneira especial, o funcionamento da referencia fica alterado quando não nos é mais possível mostrar a coisa de que falamos como pertencendo à situação comum aos interlocutores do diálogo (RICOEUR, 2013, p.63).

É aqui onde o “mundo do leitor” pode transparecer. O terceiro distanciamento está no real consigo. Para Ricoeur, o “mundo do texto” deve sobrepor ao do autor e leitor. Esses três

fazem parte da composição, enquanto o leitor procura entender o sentido, o autor deixa ser entendido na leitura, produzindo assim outro texto como aplicação.

O próprio texto estará responsável por si mesmo, A questão é como adquirir a referência, ou seja, a realidade do texto. “Interpretar é explicitar o tipo de ser-no-mundo manifestado diante do texto” (RICOEUR, 2013, p.65). O texto propõe um mundo específico. Há uma realidade nele apesar da ficção que possa apresentar. Apesar das modificações há uma representação em cada texto, por mais que seja uma linguagem metafórica.

A partir da leitura, aquele que ler passa a “apropriar” o texto para si mesmo. Que pode ser chamado também de “aplicação”. Essa apropriação é facilitada por meio do distanciamento da escrita. Para Ricoeur, a aplicação não esta ligada a intenção do autor, mas a objetivação típica da obra, respondendo ao sentido. O texto facilita a compreensão de si mesmo. Mas Ricoeur (2013, p.68) vai destacar o seguinte:

Sobretudo, porém, a apropriação possui por vis-à-vis aquilo que Gadamer chama “a coisa do texto” e que chamo o “mundo da obra”. Aquilo que finalmente me apropriio é uma apropriação de mundo. Essa apropriação não se encontra atrás do texto como uma espécie de intenção oculta, mas diante dele. Como aquilo que a obra desvenda, descobre, revela. Por conseguinte, compreender, é *compreender-se diante do texto*.

O texto se tornará capaz de apresentará uma resposta a “compreensão de si mesmo”, como diz, Ricoeur (2013, p.68):

Não se trata de impor ao texto sua própria capacidade finita de compreender, mas de expor-se ao texto e receber dele um si mais amplo, que seria a proposição de mundo. A compreensão torna-se então, o contrário de uma constituição de que o sujeito teria a chave. A este respeito, seria, mais justo dizer que o si é constituído pela “coisa” do texto.

O leitor deve se desprender de si mesmo, se esquecer, e permitir que o texto o leve para a identificação necessária e precisa, entendendo que o distanciamento em Ricoeur a melhor maneira de interpretação, um desligamento, desprender-se para chegar à compreensão.

3. O DISTANCIAMENTO E A CONTEMPORANEIDADE

Relembrando a trajetória da hermenêutica, o romantismo foi o principal aliado para o pensamento de Schleiermacher, em sua ênfase à mente do autor, na subjetividade. Como de Dilthey contra o positivismo, enfatizando o historicismo como parte influente na interpretação. Assim também pode ser visto em Heidegger e Gadamer. Todos buscavam uma

resposta para a sua contemporaneidade. Com uma maneira de enxergar o texto e aqueles que o compunham. Todos esses foram importantes, pois proporcionaram o crescimento da hermenêutica, até transformá-la em uma ciência madura e apta para ser utilizada posteriormente.

Em Ricoeur não é diferente, com o seu conceito de “distanciamento”, reconhecendo as impossibilidades de ir até o autor e ao tempo do texto, fazendo uso apenas daquilo que palpável e visível aos olhos. Afirmou que o distanciamento por meio do texto é composto em três períodos: “dizer no dito”, “obra”, e “escrita”. O hermenauta tem apenas o que foi transcrito para buscar a significação e fazer a aplicação em sua atualidade. Um exemplo, os textos bíblicos, que sempre foram apropriados em todas as ocasiões, mas precisam ser vistos como escritos para o povo da época, que possui o seu “mundo”, só assim tornará autônomo, para ser aplicado conforme o contexto do leitor.

O leitor da atualidade é coberto de influências sociais assim como os anteriores. E as influências da “pós-modernidade” são vistas no relativismo, pluralismo, niilismo, secularização, entre outros, o que até mesmo, dificultam a interpretação e entendimento do ser, como o niilismo, que é perda do sentido. Não há mais uma significação, apoio, centro. O relativismo é uma das questões presentes na atualidade, em que é enxergada pelos críticos com certa ignorância, mas pode ser utilizada, de forma equilibrada para uma boa interpretação, que será mais explicado posteriormente.

Zygmunt Bauman (1925), um dos mais conceituados sociólogos contemporâneos, vai apontar a modernidade como “modernidade líquida”. Époça de liquidez. O que antes era sólido, hoje tudo vai fluindo normalmente, se tornando incerto e inseguro. Automaticamente a maneira de interpretar também se torna ainda mais abalada, e o leitor facilmente pode ser conduzido por caminhos longínquos à realidade e do mundo do texto. Sendo que além de sair totalmente da realidade, ele facilmente será movido para outra interpretação. Esta mobilidade é recorrente da globalização.

Essa variabilidade vai desde a mudança física por meio da geografia, até as constantes mudanças através do uso da tecnologia, levando o internauta aos mais diversos lugares e conhecendo diferentes pensamentos.

(...) Mas a maioria está em movimento mesmo se fisicamente parada – quando, como é habito, estamos grudados na poltrona e passando na tela os

canais de TV via satélite ou a cabo, saltando para dentro e para fora de espaços estrangeiros como uma velocidade muito superior à dos jatos supersônicos e foguetes interplanetários, sem ficar em lugar algum tempo suficiente para ser mais do que visitantes, para nos sentirmos em casa. (BAUMAN, 1999, p.85)

Não há mais limites ao homem moderno, ele não está mais preso a sua “própria” cultura, ou aquilo que era condicionado em sua mente por causa da tradição. Livre se encontra e pode experimentar da diversidade. Bauman (1999, p.85) vai dizer que a globalização quebrou as barreiras culturais.

No mundo que habitamos, a distância deixou não parece mais importar muito. Às vezes parece que existe só para ser anulada, como se o espaço não passasse de um convite contínuo a ser desrespeitado, refutado e negado. O espaço deixou de ser o obstáculo – basta uma fração de segundos para conquistá-lo.

Bauman vai afirmar que essa liberdade e quebra de barreiras proporciona ao homem uma grande quantidade de informação. A mobilidade daqueles que viajam resultou da perda de sua cultura. A cultura adquirida não é de um povo, mas de um tempo. Ele vive conforme o tempo lhe proporcionar, um verdadeiro cosmopolita. Sujeito sem definição, origem, totalmente descentrado. Ele agora é composto por uma cultura de cada lugar, pensamentos que rapidamente evaporam e outros são absolvidos.

Ao analisar o texto do passado, o homem moderno não terá como base, nem mesmo a mente do autor como visa o romantismo, nem o mundo do texto, e nem a si mesmo, já que o sujeito não possui uma âncora fixa de suas ideias. Assim há uma desvalorização da própria cultura, ele não se interessará em conhecer outra. E enxergar a verdade que o texto expressa será um grande desafio, já que a atualidade tem descartado verdades únicas. Ou seja, dificilmente conseguirá centrar no mundo do texto, perceber a sua significação, e compreender que o que expressa era veracidade para um povo, pois para ele não existe mais verdades.

Como Stuart Hall (1932-2014), absorvendo a ideia de “Modernidade tardia”, ele destaca que a globalização está resultando assim em diversas identidades. O que antes a sociedade se declarava apenas com uma identidade cultural, agora dentro dela há diversas, levantando movimentos que procurarão interpretar e aplicar, por exemplo, os textos bíblicos para o próprio benefício.

Segundo Mercer citado por Hall (2011, p.21,22):

De forma crescente, as paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas dessa forma por identificações rivais e deslocantes - advindas, especialmente, da erosão da "identidade mestra" da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos antinucleares e ecológicos.

Cada identidade cultural agora procura identificar e encontrar respostas de acordo com as suas ideologias. Não a verdade única do texto, mas uma interpretação que favorece apenas ao leitor. Principalmente neste contexto a ideia de Ricoeur é fortalecida, acredita que o mundo do leitor pode influenciar o significado, a autonomia do texto, por isso, o mundo do texto deve ser visto além do autor e leitor.

Um dos principais motivadores que os críticos da atualidade destacam está no relativismo, demonizado por muito. Mas o bom uso deste pode até facilitar a compreensão. Acreditar que há um relativismo, não significa que o texto não tem um sentido próprio, ajuda até a diferenciar o pensamento do outro consigo mesmo. Como diz Geertz (2001, p. 47):

Não há melhor tarefa para um estudioso do que destruir um medo. O medo que eu quero destruir é a do relativismo cultural. Não a coisa em si, que penso meramente existir, como a Transilvânia, mas o pavor dela, que julgo infundado. Infundado porque as consequências morais e intelectuais que comumente se supõem decorrem do relativismo – subjetivismo, niilismo, incoerência, maquiavelismo, estupidez ética, cegueira estética, e assim por diante – na verdade não decorrem dele, e porque as recompensas prometidas a quem escapa as suas garras, relacionados, sobretudo com um conhecimento pasteurizado, são ilusórias.

Ao ser entendido pelo leitor a existência do “mundo do texto”, a obra pode ser reconstruída independente do período em que está sendo lida. Apesar de que a partir do momento em que é escrito o discurso, como diz Ricoeur (2013, p. 65) “(...) não há mais, com efeito, situação comum ao escritor e ao leitor”. Apesar da aparente abolição, os gêneros literários facilitam uma nova maneira de compreensão. Ricoeur acredita que o próprio texto levará a realidade.

Esse é, me parece, o papel da maior parte da nossa literatura: destruir o mundo. Isto é uma verdade da literatura de ficção – conto, mito, romance, teatro –, bem como de toda literatura denominada poética, onde a literatura parece glorificada em si mesma, em detrimento da função referencial do discurso ordinário. No entanto, não há discurso de tal forma fictício que não vá ao encontro da realidade, embora em outro nível, mais fundamental que aquele que atinge o discurso descritivo, constatativo, didático, que chamamos de linguagem ordinária. (RICOEUR, 2013, p. 65)

O que Ricoeur apresenta (2013, p. 65):

Minha tese consiste em dizer que a abolição de uma referência de primeiro nível, abolição operada pela ficção e pela poesia, é condição de possibilidade para que seja liberada uma referência de segundo nível, que atinge o mundo, não mais somente no plano dos objetos manipuláveis, mas no plano que Husserl designava pela expressão *Lebenswelt*, e Heidegger pela de *ser-no-mundo*.

A linguagem é o meio principal, para Ricoeur, de identificar as características e o sentido de um escrito, pois, é a linguagem que representa comportamentos, conceitos, culturas, origens etc. Porquanto, é no uso da linguagem dentro de um discurso, como já visto, que o locutor e o interlocutor utilizam, com o significado já conhecido entre eles. A linguagem estruturada no discurso será organizada como pelo autor em outro tempo, e o leitor decifrá-la os seus signos.

Trazendo para o atual contexto, o leitor tem fortes tendências a relativizar e, transformar o texto para o seu querer pessoal, ou mesmo ignorar tal ocorrência. É preciso entender, que independente do gostar ou não daquele que lê, o texto possui o seu mundo, as suas verdades, e devem ser trabalhadas não com o mundo do leitor, mas do da obra. No atual contexto, o hermenêuta precisa sobrepor o texto diante de si mesmo e ta tentativa arriscada, de buscar outras formas para descobrir a mente do autor, o que pode causar a forte influência do leitor, já que não é um método objetivo, causando assim a rejeição daquilo que o próprio texto revela. O relativismo, como tendência deve ser usado em certo limite, como diz Geertz, não caminhando para o “anti anti relativismo”², mas também, não mergulhando uma total desvalorização da própria cultura.

Segundo Geertz (2001, p. 50):

Aquilo que os chamados relativistas querem que nos preocupemos é o provincianismo – o perigo de que nossa percepção seja embotada, nosso intelecto seja encolhido e nossas simpatias sejam restringidas pelas escolhas excessivamente internalizadas e valorizadas de nossa própria sociedade.

E Geertz prossegue (2001, p.50):

Aquilo que os auto-intitulados anti-relativistas querem que nos preocupemos – e nos preocupemos ao máximo, como se nossas próprias almas dependessem disso – é como uma entropia espiritual, uma espécie de morte mental por excesso de energia, no qual tudo é tão importante e, portanto, tão insignificante quanto todo o resto: vale tudo, a cada um o que é seu, é só pegar e escolher, eu sei o que quero, comigo não (...).

² Termo utilizado por Geertz como rejeição ao pensamento anti-relativista.

A partir do momento em que se entende que há possibilidade de ler aquele que pensa diferente de si próprio, e que isto é aceitável, o leitor não exprimirá o texto ao seu favor, não partindo então para um fundamentalismo extremado, obrigando a mudança da escrita ao seu mero contexto. No uso correto do relativismo, o texto receberá o seu valor merecido, e haverá um distanciamento de si mesmo, para haver a compreender de si mesmo. Ricoeur (2013, p 68) diz:

Contrariamente à tradição do cogito e à pretensão do sujeito de conhecer-se a si mesmo por intuição imediata, devemos dizer que só nos compreendemos pelo grande atalho dos sinais de humanidade depositados nas obras de cultura. O que saberíamos do amor e do ódio, dos sentimentos éticos e, em geral, de tudo que chamamos de o si, caso isso não fosse referido à linguagem e articulado pela literatura? O que parece mais contrário à subjetividade, e que a análise estrutural faz aparecer como a textura mesma do texto, é o próprio *medium* no qual, apenas, podemos nos compreender.

Finalizando, o texto que estará diante do leitor atual, caso seja interpretado pela hermenêutica de Paul Ricoeur, deverá ser trabalhado priorizando o “mundo do texto”, com base no “distanciamento”. O discurso realizado no evento, não pode mais ser presenciado, mas analisado através da escrita. E que a intenção do autor que estruturou a obra, não pode ser analisada através da sua mente, mas por aquilo que ele mesmo deixou revelar. Já o leitor, ao distanciar de si mesmo, das influências, que por mais difíceis que sejam sair do contexto, também deve se apropriar do texto, vivenciando o tempo da escrita, se colocando no lugar do sujeito para que se obtenha uma boa aplicação e significação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho relatou uma básica apresentação dos teóricos hermenêuticos: Schleiermacher, W. Dilthey, M. Heidegger, H.G Gadamer e as influências contextuais em suas interpretações. As respostas dadas por cada filósofo foram respostas aos visíveis movimentos que surgiam. Apresentada as marcas da atualidade e os grandes desafios, conhecida como o período da “pós-modernidade”, o objetivo principal foi conhecer uma possível hermenêutica que trouxesse uma filosofia mais recente, que contribuísse e favorecesse na compreensão do texto diante do leitor moderno.

Com sua abordagem e “função hermenêutica do distanciamento”, Paul Ricoeur foi escolhido neste trabalho para representar com a sua interpretação ontológica, influenciado por Heidegger e motivado por Gadamer no distanciamento alienante com contrapartida à

pertença. Usando a linguagem como a melhor identificação dos signos, Ricoeur acredita que por ela o homem é capaz de conhecer o outro. Trabalha a linguagem nos textos, e suas estruturas para explicar o evento ocorrido à distância. A melhor compreensão só inicia com o distanciamento, é perder-se, esquecer-se, viver o mundo que está sendo exposto, viajar por ele. A leitura do texto fará com que a leitura de si mesmo seja efetuada.

A teoria de Ricoeur é eficaz na interpretação atual, o conceito de distanciamento ensina o leitor a se desprender e penetrar no mundo exposto em sua frente. Ele não exclui a possibilidade de entender o autor, ou mesmo desvaloriza o mundo do leitor, pelo contrário, os uni, usando o próprio texto, que será o guia e mostrará aquilo que o escritor consentiu revelar, e permite ao leitor uma apropriação de acordo com o fato do texto, trazendo para a sua realidade. Em Ricoeur a hermenêutica foi aprimorada a uma interpretação real.

REFERENCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As consequências Humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

GEERTZ, Clifford. **Nova Luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

RICOEUR, Paul. **Hermenêutica e Ideologias**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

VILARINHO, Murilo. O mundo do texto na hermenêutica de Paul Ricoeur: um breve estudo sobre as narrativas ficcional e histórica nos trabalhos do literato Machado de Assis e do historiador Sidney Chalhoub. **Revista de História**, Bahia, v.5, n.1-2, p.359-379, 2013. Disponível em: < http://www.revistahistoria.ufba.br/2013_1/a18.pdf>. Acesso em: 15 out. 2015.

XAVIER, Luiz Felipe. **Da hermenêutica filosófica à hermenêutica bíblica**: uma análise da compreensão de Paul Ricoeur sobre o Mundo do Texto e sua influência na busca pelo sentido do discurso religioso. 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia da religião) - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/091211-WhZUEIP9BAeua.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2015.